

# Norberto Ávila

## Dom João No Jardim Das Delícias



rolim

## PALCO

- ALMA, de Mário de Sá-Carneiro e Ponce de Leão  
*Nota introdutória de Luiz Francisco Rebello*
- D. JOÃO NO JARDIM DAS DELÍCIAS, de Norberto Ávila  
*Menção Honrosa do Prémio Nacional de Teatro, 1986*
- ZACA ZACA, de António Torrado  
*Menção Honrosa do Prémio Nacional de Teatro para a Infância e Juventude, 1986*

### A publicar:

- O PRÍNCIPE IMPERFEITO, de Clara Pinto Correia
- TRILOGIA PORTUGUESA, de Miguel Roisco  
*Prémio Nacional de Teatro, 1986*



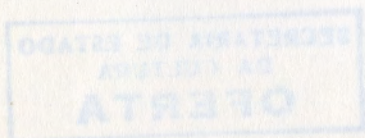
TÍTULO — D. JOÃO NO JARDIM DAS DELÍCIAS  
AUTOR — Norberto Ávila  
COLECÇÃO PALCO  
DIRECÇÃO DE COLECÇÃO — Sara Góis  
CAPA — Graça Martins  
TIRAGEM — 2000 exs.

© edições rolim

Apartado 3079

1302 Lisboa Codex

Maio de 1987



NORBERTO ÁVILA



D. JOÃO  
NO JARDIM  
DAS DELÍCIAS

Tragicomédia em duas Partes



rolim

# D. JOÃO NO JARDIM DAS DELÍCIAS

Tragicomédia em duas Partes

D. GONÇALO DE ULLOA — ex-embaixador de Espanha em Lisboa, depois Comendador da Ordem de Calatrava

D. LEONOR — sua filha

MADRE EUGÉNIA DOS ANJOS — irmã de D. Gonçalo e abadesa do Convento de Calatrava, de Sevilha

DOROTEIA — ama de D. Leonor

O PAPA GREGÓRIO XIII

D. DIOGO TENÓRIO — embaixador de Espanha em Roma

D. JOÃO TENÓRIO — seu filho

MARINA — jovem criada de D. Diogo

## PERSONAGENS

FILIPE II de Espanha (I de Portugal)

D. GONÇALO DE ULLOA — ex-embaixador de Espanha em Lisboa, depois Comendador da Ordem de Calatrava

D. LEONOR — sua filha

MADRE EUGÊNIA DOS ANJOS — irmã de D. Gonçalo e abadeessa do Convento de Calatrava, de Sevilha

DOROTEIA — ama de D. Leonor

O PAPA GREGÓRIO XIII

D. DIOGO TENÓRIO — embaixador de Espanha em Roma

D. JOÃO TENÓRIO — seu filho

MARINA — jovem criada de D. Diogo

MASCARINO — moço de recados, depois criado de D. João Tenório

GUIOMAR — velha ama de D. João Tenório

DOUTOR GRACIANO — erudito siciliano

LUCRÉCIA — sua mulher

FLAMÍNIA — hospedeira

SIMONETA — sua criada

O DOGE DE VENEZA

CASSANDRA — sua “pupila” (digamos: amante)

UM GONDOLEIRO

D. GALAOR DE AMARANTE

D. MATILDE — sua mulher

D. ISABEL — sua filha

LISUARTE MIRANDA — poeta dramático, director duma companhia de comediantes

ALCEU — comediante (Tristão)

ANDREIA — comediante, irmã gémea de Alceu (Isolda)

D. GASPAR DE GERONA — velho fidalgo

**Nota:** À excepção dos actores que interpretam os personagens principais (D. João, Mascarino, D. Leonor, D. Gonçalo e Madre Eugénia dos Anjos), todos os outros poderão, se necessário, interpretar vários papéis.

*A acção decorre no último quartel do Século XVI, mais exactamente entre 1581 e 1588, em Lisboa, Sintra, Sevilha, Palermo, Bérgamo, Veneza e Roma.*

## I PARTE

## I PARTE

### 1

*A acção da peça inicia-se em Lisboa, em 1581, poucos meses depois das tropas do Duque de Alba e do Marquês de Santa Cruz terem concretizado as ambições políticas do soberano espanhol, no que se referia ao irão português. Na sala de audiências do palácio real, Filipe II recebe D. Gonçalo de Ulloa, ex-embaixador de Espanha em Portugal. Assiste ao encontro um secretário do Rei.*

*Filipe II* Ora, deixai-vos ficar mais algum tempo.

*D. Gonçalo* Senhor, arriscando-me a cair no desagrado de Vossa Majestade, eu ousaria manter a minha intenção: a de regressar a Espanha.

*Filipe II* Por Deus! onde estamos nós, senão nesta outra Espanha que se chama Portugal?! É de esra-

# 1

*A acção da peça inicia-se em Lisboa, em 1581, poucos meses depois das tropas do Duque de Alba e do Marquês de Santa Cruz terem concretizado as ambições políticas do soberano espanhol, no que se referia ao trono português. Na sala de audiências do palácio real, Filipe II recebe D. Gonçalo de Ulloa, ex-embaixador de Espanha em Portugal. Assiste ao encontro um secretário do Rei.*

*Filipe II* Ora, deixai-vos ficar mais algum tempo.

*D. Gonçalo* Senhor, arriscando-me a cair no desagrado de Vossa Majestade, eu ousaria manter a minha intenção: a de regressar a Espanha.

*Filipe II* Por Deus! onde estamos nós, senão nesta outra Espanha que se chama Portugal?! É de estra-

nhar, D. Gonçalo, que não queirais compartilhar comigo a alegria imensa de ver aqui flutuar ao vento a nossa bandeira.

*D. Gonçalo* Senhor, a minha missão neste país terminou.

*Filipe II* Como embaixador, decerto. E não cuideis que me esqueço de quanto empenho pusestes nas coisas de meu serviço.

*D. Gonçalo* Cumpri um dever, apenas.

*Filipe II* Com saber e devoção.

*D. Gonçalo* E agora é chegado o tempo de partir. E só vos peço que não me sejais contrário.

*Filipe II* Como deixareis Lisboa, esta princesa do Tejo?

*D. Gonçalo* Com as lágrimas nos olhos. E o coração magoado.

*Filipe II* Será que amais Portugal mais do que eu? Eu, Senhor, que sinto pulsar nas veias o sangue mais português da ilustre Casa de Avis? Não era de Portugal minha mãe, Dona Isabel, esposa de Carlos V?

*O Secretário* E mais ainda, Senhor: Logo nas primeiras núpcias, destes a mão juvenil à Infanta portuguesa Dona Maria...

*Filipe II* Também.

*D. Gonçalo* O destino das nações, cujas mãos reais se cruzam sobre as fronteiras. Porém, isso não impede — é certo — renhidas lutas e guerras de conquista e reconquista.

*Filipe II* A História segue o seu curso.

*D. Gonçalo* Segue o seu curso. Por vezes, por caminhos sinuosos.

*Filipe II* Basta, D. Gonçalo, basta! É por demais evidente que não foi do vosso agrado este audacioso passo. Muito mais que pela força, pelo direito ocupei o reino de Portugal. Deixai-me ver neste sol o brilho da minha glória. Deixai-me consolidar, aqui também, os esteios do poder.

*D. Gonçalo* E vós, deixai-me voltar à terra de Espanha.

*Filipe II* Aguardai um ano. Ou dois. Mau grado a nossa discórdia, não tenho em menor apreço o vosso conselho e ajuda. Vivestes neste país tempo bastante. E sabeis, melhor que ninguém, quem é este povo irmão. Podeis ser um precioso auxílio, braço direito no muito que aqui pretendo fazer.

*D. Gonçalo* Pesam-me os anos, Senhor.

*Filipe II* Receio não ter ainda mostrado para convosco toda a minha gratidão.

nhar, D. Gonçalo, que não queirais compartilhar comigo a alegria imensa de ver aqui flutuar ao vento a nossa bandeira.

*D. Gonçalo* Senhor, a minha missão neste país terminou.

*Filipe II* Como embaixador, decerto. E não cuideis que me esqueço de quanto empenho pusestes nas coisas de meu serviço.

*D. Gonçalo* Cumpri um dever, apenas.

*Filipe II* Com saber e devoção.

*D. Gonçalo* E agora é chegado o tempo de partir. E só vos peço que não me sejais contrário.

*Filipe II* Como deixareis Lisboa, esta princesa do Tejo?

*D. Gonçalo* Com as lágrimas nos olhos. E o coração magoado.

*Filipe II* Será que amais Portugal mais do que eu? Eu, Senhor, que sinto pulsar nas veias o sangue mais português da ilustre Casa de Avis? Não era de Portugal minha mãe, Dona Isabel, esposa de Carlos V?

*O Secretário* E mais ainda, Senhor: Logo nas primeiras núpcias, destes a mão juvenil à Infanta portuguesa Dona Maria...

*Filipe II* Também.

*D. Gonçalo* O destino das nações, cujas mãos reais se cruzam sobre as fronteiras. Porém, isso não impede — é certo — renhidas lutas e guerras de conquista e reconquista.

*Filipe II* A História segue o seu curso.

*D. Gonçalo* Segue o seu curso. Por vezes, por caminhos sinuosos.

*Filipe II* Basta, D. Gonçalo, basta! É por demais evidente que não foi do vosso agrado este audacioso passo. Muito mais que pela força, pelo direito ocupei o reino de Portugal. Deixai-me ver neste sol o brilho da minha glória. Deixai-me consolidar, aqui também, os esteios do poder.

*D. Gonçalo* E vós, deixai-me voltar à terra de Espanha.

*Filipe II* Aguardai um ano. Ou dois. Mau grado a nossa discórdia, não tenho em menor apreço o vosso conselho e ajuda. Vivestes neste país tempo bastante. E sabeis, melhor que ninguém, quem é este povo irmão. Podeis ser um precioso auxílio, braço direito no muito que aqui pretendo fazer.

*D. Gonçalo* Pesam-me os anos, Senhor.

*Filipe II* Receio não ter ainda mostrado para convosco toda a minha gratidão.

*D. Gonçalo* Palavras, bem generosas, vos tenho ouvido...

*Filipe II* É bem certo que prometi conceder-vos, em tempos, a Grã-Comenda da Ordem de Calatrava.

*D. Gonçalo* Não digo que a não mereça. E agora, que em vossas mãos deixo as funções cansativas de embaixador...

*Filipe II* Escutai. Chamei-vos, precisamente, para vos encarregar duma embaixada...

*D. Gonçalo* Senhor, gracejais de mim?

*Filipe II* Por Deus! Uma embaixada, ou missão — se assim quiserdes — que é coisa de bem pouco tempo. Logo voltareis a Portugal. E então, dentro de um ano regressaremos a Espanha.

*D. Gonçalo* Com tão prolongada ausência, não encontrareis o trono vacilante? (À parte.) É que o Império tem os seus dias contados.

*Filipe II* (à parte) Para longe, o mau agouro! (Pausa.) Herdeiro, embora forçado, deste reino, sinto agora urgência de resgatar quantos ficaram cativos nas terras do norte de África, depois de Alcácer-Quibir.

*O Secretário* Oh desastrosa batalha! Pobre D. Sebastião! Tragicamente levado pela morte, num tropel de arrebatadas quimeras!

*Filipe II* E na flor da juventude!

*D. Gonçalo* É de lamentar a perda de vosso real sobrinho. No entanto, a sua morte veio trazer-vos a esperança da coroa portuguesa.

*Filipe II* São os desígnios de Deus! — Mas sabeis que, nesta hora, muitas centenas, milhares de bons cristãos apodrecem nas mais escuras masmorras de Marrocos. Portugueses, castelhanos, alemães, italianos, flamengos... Dificilmente podemos resgatá-los sem o auxílio da Santa Sé. Gostaria que fôsseis da minha parte junto de Gregório XIII...

*D. Gonçalo* Não tendes acaso em Roma embaixador competente?

*Filipe II* Não. D. Diogo Tenório, cujas virtudes conheço, não é pessoa indicada para estas diligências. (*Pausa.*) Não esperáveis, por certo, conhecer, tão de repente, o grande esplendor de Roma!

*D. Gonçalo* Confesso que não.

*Filipe II* Assim, por estes dias teremos de assentar os pormenores de tudo isso.

*D. Gonçalo* Senhor, eu ousaria lembrar-vos que a prometida Comenda de Calatrava daria mais força e peso e sentido à melindrosa missão...

*Filipe II* Sim... Senhor Comendador. Tratai de apressar as coisas para a viagem.

*D. Gonçalo* Parece-me que devo ir por Sevilha.

*Filipe II* Ora, fazei o caminho que melhor vos aprouver.

*D. Gonçalo* Embora tenha em Lisboa servidores de confiança, creio que há-de ser melhor deixar D. Leonor com sua tia abadessa, no convento de Sevilha.

*Filipe II* Como quiserdes, Senhor. (*Pausa.*) Dizei-me: Vós, que vivestes largo tempo em Portugal, julgais que possa haver p'rigo de revolta contra mim, contra o domínio espanhol?

*D. Gonçalo* Quem saberá responder? Dizem-me os cabelos brancos que seja prudente. E assim, hei-de levar minha filha.

*Filipe II* D. Gonçalo, um destes dias haveis de jantar comigo.

*D. Gonçalo* Uma honra e um prazer.

*Filipe II* E trazei D. Leonor, donzela em quem julguei ver todo o recato e virtude.

## 2

*Poucas semanas depois, de viagem para Roma, chegava a Sevilha D. Gonçalo de Ulloa, já investido nas funções de Grande Comendador da Ordem de Calatrava. É no convento dessa Ordem que decorre a cena seguinte.*

*Parlatório, com respectiva grade e bancos de pedra. A porta, inserta na própria grade, está aberta.*

*Do lado de cá, D. Gonçalo, D. Leonor, Doroteia e Madre Eugénia dos Anjos.*

*Noite. Sobre um banco, duas lanternas acesas.*

*A Abadessa* Muito depressa passaram estes três dias, irmão. Bem podíeis ter ficado um pouco mais em Sevilha.

*D. Gonçalo* Três dias chegaram bem para recobrar as forças. Quanto mais cedo partir mais cedo estarei de volta.

*D. Gonçalo* Parece-me que devo ir por Sevilha.

*A Abadessa* É certo.

*Filipe II* Ora, farei o caminho que melhor vos aprouver.

*D. Gonçalo* E quis decidir-me antes de cair no hábito de visitar-vos, de ver-vos todas as tardes. Depois, bem mais difícil seria dizer-vos adeus.

*D. Gonçalo* Leonor com sua tia abadessa, no convento de

*D. Leonor* Meu pai, dar-nos-eis notícias?

*D. Gonçalo* Claro. Como havia de esquecer esse preceito, menina? No meu percurso até Roma, hei-de passar numas quantas cidades. Farei seguir umas linhas descuidadas sempre que possa. — Obrigado pela ceia primorosa, pelo convívio agradável destes dias.

*A Abadessa* Oxalá vos pudéssemos servir, meu caro Comendador de Calatrava, de acordo como os vossos próprios méritos.

*D. Gonçalo* Ora, gracejais, irmã.

*A Abadessa* Quereis que vos acompanhe Doroteia?

*D. Gonçalo* Santo Deus! Não é distante a pousada. E se Doroteia for acompanhar-me, é justíssimo que eu lhe faça companhia no seu regresso. E assim, retribuir gentilezas... é nunca mais acabar. Preciso deitar-me cedo, porque tenciono partir ao romper da madrugada.

D. Leonor Seria pedir-vos muito?: Que nesse momento ainda vos pudéssemos dizer adeus?

D. Gonçalo (*carinhoso*) — És bem trapaceira. Não. Sairei muito cedo. E, na direcção que levo, seria um desvio grande. O nosso adeus há-de ser agora mesmo.

D. Leonor Pois seja. Meu pai, dai-me a vossa bênção. (*Curva-se e beija-lhe a mão.*)

D. Gonçalo Nosso Senhor te conceda a sua bênção divina. (*Afaga-lhe a cabeça e beija-lhe a testa.*)

D. Leonor Que tenhais boa viagem. Tratai bem de vós. Cuidado com os ladrões das estradas.

D. Gonçalo Descansa, filha. Vou bem guardado, pois contratei homens de muita exp'riência. — Tu, Leonor, aproveita o tempo em boas leituras. Escuta os sábios conselhos desta velha tia, a cuja protecção ficas entregue. Agora vai. — Doroteia, extremosa ama, ide com ela. Quero dizer ainda duas palavras a minha irmã.

Doroteia Meu Senhor, a preciosa “encomenda” fica em boas mãos.

D. Gonçalo Espero.

Doroteia Deus se digne proteger-vos nesta penosa viagem.

(D. Leonor puxa da manga estreita um lenquinho de renda, com o qual, discretamente, enxuga umas lágrimas sentidas.)

Doroteia vai buscar uma das lanternas, toma D. Leonor carinhosamente pelo braço e afastam-se ambas. Passam a porta da grade. Chegadas ao fundo, D. Leonor acena ao pai com o lenço. Doroteia faz uma reverência com a cabeça. E desaparecem.)

D. Gonçalves Ainda sobre a conversa que tivemos: peço-vos que não forceis as tendências naturais de Leonor. Antes deixai-a escolher, numa liberdade plena, o seu caminho.

A Abadessa Ficaí descansado, meu irmão. Reconheço, bem no fundo, que muito melhor serviço prestam a Deus e aos homens as simples boas esposas que as más, revoltadas freiras. Mas há pequenos sinais que me confortam.

D. Gonçalves Admito que fosse do vosso agrado ver Leonor prosseguir os vossos passos. E eu, não tendo mais que esta filha, não hei-de ter gosto em vê-la dar geração ao meu nome?

(Um breve silêncio.)

A Abadessa Para que possais partir tranquilo, descuidoso, deixemos isso ao critério do Altíssimo.

D. Gonçalves Assim seja.

*A Abadessa* Isto vos peço: Pensai em vossa filha e em mim, mais ainda: em toda a Ordem de Calatrava. Mormente quando entrardes na Cidade Santa, e depois, quando virdes a veneranda figura do grande Papa que é Gregório XIII.

*D. Gonçalo* Aliás, um grande amigo de Espanha. Desde que esteve entre nós, como legado de Roma. Basta de conversa. A noite avança, e nós, discorrendo como dois incorregíveis conversadores. Adeus.

*A Abadessa* Adeus, meu irmão.

*D. Gonçalo* Adeus.

*(Sai o Comendador, por um lado, alguém da grade.)*

*A Abadessa toma a segunda lanterna, que está sobre o banco, e passa para o lado oposto. Fecha a porta, lentamente, e afasta-se para o fundo.*

*Dentro ouve-se um coro de vozes femininas, num ofício divino.)*

*(A Abadessa, com seu quê de conventual, e quarto de cama matrimonial, com leito de dossel e cortinas. Duas portas ao fundo, uma em cada um dos compartimentos. Outra, que liga estes entre si.)*

*Lucrecia, sentada a um canto, com um grande livro, aberto, pousado no regaço. Mas, de momento, não é essa a sua leitura. Porque lê um livro bastante mais pequeno, erguido em ambas as mãos.*